

# O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

**MALDONATA,  
OU A LEOA RECONHECIDA.  
ROMANCE HISTORICO.**

**B**M 1535, fundando ns hespanhoes Buenos-Ayres, sentiu logo a nova colônia o effeito da fome; e todos aquelles que iam procurar mantimentos eram trucidados pelos selvagens, o que deu logar á prohibição, sob pena de morte, de sahirem das devesas do novo estabelecimento. Uma mulher, a quem a fome, sem dúvida, déra animo para afrontar a morte, illudiu a vigilancia dos guardas collocados derredor da colônia para preserval-a dos perigos que corria. Maldonata (era o nome da transfiga), depois de ter vagado por algum tempo por caminhos desconhecidos, e ermos, entrou em uma caverna a fim de repousar-se do cansaço. Qual foi seu terror encontrando ali uma leoa, e quanto não ficou maravilhada vendo esta temível fera approximar-se-lhe com passo tardo, affagel-a, e lamber-lhe as mãos com rugidos de dôr mais proprios a enternecer-a do que atterral-a! Brevemente a hespanhola reconheceu que a leoa estava prenhe, e que seus gemitos eram a linguagem de uma mãe que pede soccorro para depôr a carga que a opprime. Maldonata ajudou a natureza no momento doloroso em que ella concede pezarosa a todos os seres que nascem o dia, e a vida, cuja duração lhes deixa por tão pouco tempo. A leoa, felizmente soccorrida, foi em busca de abundante sustento, e

o depositou nos pés de sua benfeitora, que o repartia diariamente pelos recém-nascidos que pareciam reconhecer estes desvellos por dentadas innocentes, e saltos alegres. Mas quando a idade lhes apurou o instincto de por si mesmo obterem a alimentação, esta familia dispersou-se pelas matas, e a leoa, cuja ternura maternal já mais nada tinha a fazer na caverna, desapareceu tambem, e foi habitar n'um deserto. Maldonata só, e sem subsistencia, viu-se obrigar-a a deixar a furna, temível a tantos seres vivos, mas da qual a piedade lhe tinha feito um asylo. Esta mulher, privada com dôr da sociedade que lhe era tão cara, não conseguiu errar por muito tempo sem cahir entre as mãos dos indigenas. Uma leoa a tinha sustentado, e os homens a fizeram escrava! D'ali ha pouco ella foi tomada pelos hespanhoes, que a levaram a Buenos-Ayres. O governador, mais feroz do que os leões, e os selvagens, não a julgando bastante punida pelos perigos, e males que tinha soffrido, ordenou que ella fosse amarrada a uma arvore no meio dos matos para morrer de fome, ou ser pasto das feras. Dois dias depois, alguns soldados lotam saber o destino da desgraçada victima; acharam-a cheia de vida no meio de tigres esfamados, que de bocca aberta, não se atreviam a acnmmettel-a vendo-a protegida por um leoa que com pequenos leões que lhe estavam aos pés. Este espectáculo impressionou de tal modo os soldados, que ficaram immoveis de enternecimento,

e terror. A leão, vendo-os, separou-se da arvore como para deixar-lhes a liberdade de desatar a sua bemfeitora, mas quando elles a quizeram levar consigo, o animal veio a passos lentos confirmar por caricias,

dozes gemidos os prodigios do reconhecimento, que esta mulher contava a seus libertadores. A leão seguiu por algum tempo, acompanhada dos leões, as pegadas da hespanhola, dando todas as demonstrações de respeito, e da verdadeira dôr que uma familia faz sentir quando acompanha até o navio um pae, ou um filho querido que se embarca d'um porto da Europa para o novo mundo, de onde talvez não possa voltar. O governador, instruido de toda a aventura pelos soldados, e trazido por um habitante das florestas aos sentimentos de humaoidade, que seu coração feroz tinha calcado passando os mares, deixou viver uma mulher que o céu tinha tão visivelmente protegido.



## HISTORIA DAS LOTERIAS.

(CONTINUAÇÃO DO N.º 4.)

**N**OS lances felizes podia ganhar-se dezoito mil francos por um esudo. Os ciados, os avarentos e as beatas, ainda não se atiravam a este jogo por impulso de sonhos, porém os supersticiosos tinham todo o cuidado de comprar seu bilhete em dia de algum santo milagroso. Haviam nada menos de novecentos e noventa e nove mil sobre mil que perdiam seu dinheiro como hoje, e como hoje, as pessoas que queriam conservar a reputação de sensatez não jogavam na loteria, ou se tomavam algum bilhete, era com nome supposto. Foi assim que dois magistrados M. *Parisot*, e M. *Gilbert* tiraram duas sortes grandes, o primeiro com o nome de *Petit Jean*, e o segundo com o de *Muscarrillo*.

Pouco depois diferentes particulares ricos estabeleceram em suas casas pequenas loterias, pelo plano das grandes, e tanto gosto deu este jogo, que se espalhou por toda a França.

Então, como os *Italianos* alardeavam de ser os inventores d'este jogo, um antiquario, não satisfeito de lhes oppôr o *Egypto*, que d'elle usava como um recurso de seu commercio, desde tempo immemorial, confundiu o orgulho d'esses pedantes, publicando investigações em que fez ver que os *Centavros*, e os *Lapitas* tinham-se battido por causa da primeira loteria com que se depara na historia, e que tal partilha pela sorte era da mais remota antiguidade, pois que se pôde considerar como loterias a divisão da Terra Santa entre os *Israelitas*, a divisão que *Lycurgo* fez da *Laconia* em trinta e nove mil partes, o rapta das *Sabiuas*, que foram distribuidas á sorte, etc.

Vê-se ainda nos historiadores da antiga *Roma* que os imperadores dispeosaram grandes liberalidades ao povo, por meios identicos ás nossas loterias. Escreviam-se sobre pequenas taboas os dons que tinham de ser distribuidos, eram lançadas ao povo depois dos espectaculos, e os que podiam apanhar este genero de bilhetes recehiam o objecto de que elles traziam o nome.

*Nero*, e *Tito* fizeram muitas vezes d'estas prodigalidades, que consistiam em bestas de carga, escravos, sommas de dinheiro, vasos preciosos, vestidos de luxo, etc.

O imperador *Heliogaballo*, de odiosa memoria, intreteve-se tambem com estas sortes de loterias tanto com seus commensaes, como com o povo romano: mandava escrever em conchas o nome dos objectos que queria distribuir, e os officiaes as arrojavam á multidão; porém para melhor se divertir, eram esses objectos em parte de valor real, e em parte ridiculos, de sorte que em quanto um portador de uma concha recebia cem peças de ouro, outro cem

bonitos vasos, outro dez libras, etc., seus vizinhos recebiam, uns, dez ovos, outros dez libras de chunbu, e assim por diante, de modo que, como nossas loterias, era um verdadeiro jogo de acaso; e, segundo nota *Lampridius*, este divertimento tanto agradava aos romanos que só por isso elles se regozijavam de ter *Heliogaballo* por imperador, scudo, como se sabe, um desprezível louco, um tyranno, um monstro sedento de sangue e de carnagem.

Póde-se dizer que entre os antigos *Francos* a divisão dos despojos era uma especie de loteria, pois que se distribuia á sorte; porém este jogo propriamente dito só se estabeleceu em França no XVII século, e isto devido aos Italianos.

O cardeal *Mazarini*, que era apaixonado do jogo, e maiormente do ganho, foi, segundo se diz, quem primeiro deu á França o divertimento das loterias; permittiu pois o estabelecimento d'ellas, que teve lugar, como já dissemos, em 1644, e logo que elle conheceu que este divertimento agradava, quiz tomar parte n'elle: comprou uma enorme quantidade de joias, e de fazendas que tinham mais apparencia do que valor real; fez lotes; o rei, a rainha, todos os empregados compraram bilhetes ao ministro, e esta loteria deu-lhe trezentos por cento, a crêr-se nos contemporaneos.

Em fim, uns por divertimento, outros por interesse todos os ricos fizeram loterias, a exemplo do cardeal; o joven Luiz XIV, a rainha mãe, e os principes tambem as estabeleceram em seus palacios. Mas ao passo que a maior parte da gente da moda se occupava com estes divertimentos frivolos, formavam-se algumas do mesmo genero com um fim mais respeitavel, como a loteria de *M.<sup>me</sup> de Lamoignon*, cujo producto era destinado para o resgate dos Francezes, captivos em *Argel*.

(Continuar-se-ha.)



#### RASGO DE GENEROSIDADE MARMOTAL.



QANDO esboçamos um artigo para o AMOR-PERFEITO, compendiando algumas das gentilezas do engracado poeta, e faceto escriptor da *Marmota*, nem pela idéa nos passava que esse *hystrião* da imprensa fluminense se vingaria de nós, fazendo chover as setas de suas iras contra a extracção do AMOR-PERFEITO. Pois eramos demasiado generoso; de um mercenario garantujador tudo de máo devéramos esperar para ao depois não nos arrependermos de ainda suppor-o capaz de alguma cousa que esteja á cima de cuspir a baba de estolida truance em quem quer que bem lhe apraz, com tanto que d'ahi resulte tornar-se mais vendavel o tal *papeluxo marmotal*.

Vamos ao caso. Vendia-se o AMOR-PERFEITO na rua dos Ourives n.º 21, e no largo do Rocio n.º 54. A *prole pharmaceutica*, que tem cara do maior drastico, e o cheiro nauseabundo de *oleo de croton*, fez uma romaria por todas estas casas pedindo que continuassem a receber o AMOR-PERFEITO, mas que o não expozessem á venda!!! Na primeira o homem baldeado da Bahia para o Rio de Janeiro conseguiu seu fim, mas na outra honra seja feita aos senhores d'essa casa o requerimento inqualificavel do *jogral* foi indeferido!

Não faremos mais commentos a este rasgo de CAVATEIRISMO do *Corregedor das duzias*; elle falla por si, e em demasia mostra, sem ser por oculo de *Marmota*, o que é o tal redactor *Mormoteiro*!

Já que estamos com a mão na massa, façamos mais uns *bollos* para o *jocoso escriptor*.

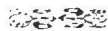
Em um dos números da *Marmota* deu o redactor como razão de a imprimir no estabelecimento do Sr. Paula Brito o ser a sua casa uma COCHFIRA cheia de folhetos, e que este nosso intelligente impressor, e importante cidadão, em recompensa da prefe-

rença, dava-lhe *uma quarta de farinha, uma garrafa de cachuça*, e não sabemos quanto de *bacalhão* (peixe, ou azorrague, como melhor lhe agradar). Não tem tanta graça?... O que quereria dizer com isto o *Marmoteiro*?... Se não é um insulto, como costuma, então não passa de um d'esses pantos da sua tresloucada bola; porque a julgarmos facecia, seria ella de fazer arrebitar as ilhargas de riso, mas sómente ao *Marmoteiro*. Em qualquer dos casos, o Sr. Paula Brito que lhe dê os agradecimentos por tão estupenda recommendação a seu magnifico estabelecimento.

Consta, e nós o eremos, que o *engraçado*, em uma das bareas da carreira de *Nichteroy*, vendo uma senhora interessante, e bella, como são as nossas patricias, pediu ao marido que o deixasse applicar as *beizolas* na avelludada mão de sua respeitavel esposa!

Então não está tão bonito?!... O que merece aquelle que tem tão insolita ousadia?!....

Julgamos que a *gaiatada* do Rio de Janeiro deve tomar conta do *Prospero*, até arranjar-lhe na *Praia Vermelha* melhor comodo do que o que elle desfructa, á *tripa forra*, no mosteiro de S. Bento.



### THEATRO

#### DE S. PEDRO DE ALCANTARA.

COMPANHIA DRAMATICA.

No dia 30 de outubro foi o beneficio do Sr. Gusmão com o drama *Jacques Verdier*. Não diremos se a peça é boa ou má, porque não é esse o nosso fim. Quem a foi ver n'essa noite, chorou ou não chorou o seu dinheiro (conforme o gosto de cada um), e quem a não viu pouco se lhe dá com isso: demais, um communicante do *Artista* já nos pôz em pratos limpos e n'uma linguagem poetica a

biographia do protagonista, e os apaixonados d'este genero de descripções poderão no n.º 8 d'aquelle periodico saciar o appetite.

E' tão sómente da representação que vamos tratar.

O Sr. Reis (*Jacques Verdier*) comprehendeu o papel soffrivelmente: porém o seu methodo de declamar é pessimo, e até incommoda!...

Com tudo fazamos-lhe justiça, foi quem melhor entendeu o que fazia. Excepuamos o Sr. Gusmão e a Sra. Ludovina, porque eram papeis de pouca importancia, e não é em papeis taes que estes dois actores podem mostrar os grandes recursos artisticos de que podem dispor.

Se para ser hom actor, é preciso gritar desesperadamente, declaramos que o melhor actor que ha no Rio de Janeiro é o Sr. Pedro Joaquim. Na verdade, este Sr. firma toda a sua sciencia artistica nos gritos, em mexer com os braços acreamente, e tudo isto acompanhado de não saher *quasi* nunca aquillo que representa, tornando-se por sobre maneira insupportavel. No que o Sr. Pedro Joaquim mostra ser grande, é em inimica! é pena que não haja no Rio de Janeiro uma escola d'esta arte; porque não podiam achar um professor mais subline do que este Sr.—Perderia a companhia dramatica um dos seus melhores sustentaculos; mas o tempo apagar-lhe-ia as saudades.

A Sra. Adelaide Christina tem uma particularidade consigo, e é essa a unica pela qual gostamos d'ella: quando está fallando em scena (só em scena é que temos o gosto de ouvir a sua voz) faz-nos lembrar o estio na nossa terra; porque é no estio que cantam as cigarras.

Os seus *ah! ah!* têm mais similhaça com os gritos agudos de uma arara do que os *ais* soltados d'um peito martyrisado pela angustia. E' que esta Sra. conscia de que o seu declamar tem a virtude do nar-

cotico, e vendo o somno que se apodera dos espectadores, quer por força obrigar-os a estarem alerta para ouvirem, a seu pezar, o seu parvo methodo de declamação.

A mobilidade do rosto é-lhe desconhecida; ou na dôr, ou na alegria, o rosto da Sra. Adelaide Christina está sempre impassivel, como deveria ser o da estatua do *Convidado de Pedra*?

Nem toda a presunção d'esta Sra. fará com que o publico a applanda; e se *alguem* lhe diz que ella é excellente actriz fique certa de que isso não passa de um cumprimento banal, um galanteio de bastidores.

Com tudo a Sra. Adelaide teve n'esta noite tres pures (!) de mãos que lhe deram palmas!..

Não ha de ser por este caminho que a mesma Sra. hade levar o seu nome á posteridade! — Não; a sua fama hade *morrer forçada antes de nascer*.

O Sr. C. J. (o communicante do *Artista*) deve ir á typographia pedir que lhe emendem o artigo; não pôde deixar de ser erro d'imprensa o dizer que a Sra. Adelaide, representou — bem como nunca — ! Supponmos que o que o C. J. diz é que a dita Sra. — *nuca representou bem* —; e se com effeito quer dizer a primeira phrase permitta que lhe digamos que se não é por ironia é por ignorancia.

Gostamos do Sr. Jose Candido; desempenhou o seu papel magnificamente, inda que algumas vezes lhe fosse preciso estar á espera do ponto. — A maneira por que no primeiro acto (20 annos depois do prologo) vinha caracterizado, era magnifica, e nada tinha de exaggerada.

O Sr. Monteiro ridicularisou demais o seu papel. Nem tanto!

Não vale a pena fallar na Sra. Grata e Paula Dias, porque são papeis de pouca importancia. Com tudo fizeram o que puderam.

Finalizamos dizendo que o drama é bello

de semsaboria; com tudo o actor do communicado achou-lhe bellezas! — Talvez! elle que o diz, e por que tem seus motivos para assim o fazer. São gostos!.. O Sr. C. J. gosta de semsaborias, e apresenta como prova viva d'este seu gosto, o seu proprio artigo.



## THEATRO

DE 8. JANUARIO.

O DOTE DE SUSANA.

A falta de tempo não nos permite fallar da primeira representação d'este drama, que teve logar na noite de 5 do corrente. Diremos somente que o publico foi illudido, porque julgam lo ir ver o papel de protagonista desempenhado por uma actriz, não teve noticia da mudança seão depois de ver em scena outra *Susana*. Peza-nos de não podermos elogiar nenhum dos actores; porque nenhum d'elles sabia o seu papel.

A Sra. Gabriella, além de não saber a sua parte não comprehendeu o pensamento dos autores do drama.



## VARIEDADE.

Os salteadores hespanhoes muitas vezes roubavam com a maior polidez, e ate com o chapéu na mão. Em França dezollavam os viandantes quando havia a pera de forea para o ladrão, e hoje contentam-se em esvasiar as bolsas, porque d'este modo não se expõem seão ás gales d'onde podem ser soltos. Na Italia matam ás vezes os pobres caminheiros, sendo raro que deixem de respeitar os ecclesiasticos. Em 1818 os salteadores que infestavam as in-

mediações de Terracina encontraram uma tarde alguns bispos, que apalparam cuidadosamente com o chapéu na mão, e a quem tomaram tudo quanto acharam; mas depois de lhe terem roubado até as franjas dos cintos, pediram-lhe de joelhos a absolvição, e a benção episcopal; os bispos commoveram-se com esta pia súplica, e os ladrões os deixaram passar, depois de lhes beijarem as mãos. Parece-nos que este facto caracteriza bem o saltador italiano.



## A SYLPHO

OU

### MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

#### VI.

A SYLPHO.

Era assim minha vida, eram meus dias  
 Todos iguaes monotonos vividos.  
 A' hora do repouso ia lançar-me  
 Entre os braços do somno que dormia  
 Mal por elle chamava pressuroso;  
 A' hora de accorder, eu despertava  
 Alheio de prazeres, e alegrias.  
 Indifferente a tudo, tudo via  
 Pelos olhos de espirito tranquillo!  
 Mas quando menos  
 Eu esperava,  
 Quando de amor  
 Eu nem curava,  
 Vejo uma bella,  
 Um ideal  
 De formosura  
 Original.  
 Morena de um moreno avelludado,  
 Com olhos de fulgor ameno, e puro,  
 E mais doce, e mais brando que a fulgencia  
 De dous astros em céu de estiva noite;  
 Rindo-se como um anjo se sorrira,  
 Desprendendo dos labios um perfume  
 Subtil como o perfume que diffunde

A rosa que começa a desdobrar-se!  
 Garbosa como a nuvem rarefeita  
 Por suspiros de aragem matutina  
 Gemendo ao retirar da argentea phebe,  
 Comada por cabellos negros, bellos  
 Como seus olhos só, e tão franzinos  
 Como os fios de orvalho de uma noite  
 Escura mas de horror não affeiada!

Eu a vi, e pelos poros  
 Um fogo se me coou,  
 Occulto incendio em meu peito  
 Estragos rumorejou:

Perplexo, fascinado, louco, mudo  
 A contemplei; absorto era o mendigo  
 Que exausto de esmolar sem ter esmolas  
 Depara c'um thesouro immensuravel!

#### VII.

MEU CAPTIVEIRO.

Eu não amava... amor!... não o sentia,  
 Senti-o, de roldão outro senti-me!  
 Esse immenso diamante que, incrustado  
 No alto de montanha inacessivel  
 Dardejava torrente de fulgores,  
 Baldando hardido esforço em conquistal-o,  
 Affeito o conquistei, fui arrancal-o  
 Subindo em aeirostate d'esp'ranças.  
 Amo, amo, oh meu Deus! e quanto, e quanto  
 Mais vejo a causa d'este amor immenso  
 Mais amo, mais padêço, mais espero.  
 Fui livre, e a liberdade me pesava  
 Como um fardo de insolito gravame  
 Da indiff'rença em transumpto me tornando;  
 Stou prêso pelos olhos de uma bella,  
 Por seus risos geniaes, por seus agrados;  
 E, beijando os grilhões que ella lançou-me,  
 Ella faz-me reinar no captiveiro;  
 Permuta meus suspiros por suspiros,  
 Meus ais sentidos por seus ais de amante,  
 Dá-me olhares de languidez de morte  
 Que um balsamo de vida em mim derramam,  
 E de sem par ternura m'eunebriam.

#### VIII.

O FUTURO.

Como era fallivel, insensata  
 Minha crença de nunca ser ferido  
 Por amante paixão profundamente!  
 Via olhos moverem-se profusos  
 Em lanços de ternura ameigadora,  
 Via rostos aonde mil primores  
 De graças se esbatiam, e por nunca  
 De amor ficar sujeito, presumia  
 Refractorio lhe ser, e sobranceiro!

Loucura ! Eu era ignaro navegante  
 Dos mares de paisões tempestuosas !  
 Meu balxel só surcava mansas agoas,  
 E nunca dos tufões soffreu o encontro,  
 E nunca vellejou pelo oceano  
 Sôbre a cerviz das ondas a bramirem  
 Rugidos de procellas, e naufragios !  
 Via mulheres, mas mulher nem-uma,  
 Via mil anjos, mas não via um anjo,  
 Via bellezas que as felções darlam  
 Para a estatua de Zeuxis, mas não via  
 Um molde que podesse todas dar-lhe !

Essa mulher, esse anjo,  
 Essa sylpho, esse modelo  
 Que sonhava nos meus sonhos  
 Sem jámais conseguir vel-o,

Eu achel, e é tão subido o gozo  
 D'este achado feliz que, se não morro,  
 Tambem vida não tenho que me basta  
 Para tanto gozar, tanto aditar-me !  
 De um por-vir de venturas só cogito,  
 Um futuro me brilha esperançoso  
 Em horizonte claro, em céu sereno  
 De luzentes estrellas recamado  
 Que as nuvens do pezar não embaciam,  
 E o vapor da desgraça não marêa !

(CONTINUAR-SE-HA.)



**A UNS OLHIOS.**

Os olhos de MARCIA bella  
 Não são uns olhos vulgares :  
 Dão vida, paz e fortuna,  
 Mas tambem causam pezares.

São olhos tão bellos  
 De tanto brilhar,  
 Que, só n'um lampejo,  
 Fazem captivar !

São dois olhos tão brilhantes,  
 Que outros iguaes nunca vi ;  
 Nem posso agora contar  
 A vel-os o que senti....

Têm certa magia,  
 Que matam de amor :  
 Causam mil delicias,  
 Dão novo vigor !...

São olhos tão feiiceiros,  
 Que se araso fossem meus,  
 ( Dados pela dona d'elles,  
 Me julgava um semidens ! !

Mas ainda espero  
 Que hei de os conquistar,  
 Para então fruir  
 Delicias sem par !...

F.



**EPIGRAMMA.**

Affirmam que ao *meu polido*  
 Rabiscador da *Marmota*,  
 Do mosteiro de S. Bento  
 Forçam a batter a bota.

Uns presumem ser devida  
 Esta súbita mudança  
 A ir-se estancando a fonte  
 Da conventual papança.

E, como prova segura  
 D'esta célebre asserção,  
 Dizem que o hospede come  
 Por dia um quintal de pão.

Outros dizem que, se os monges  
 A' margem o querem pôr,  
 E' por já andarem tontos  
 Do fartum do redactor.

Outros em fim asseguram  
 Ser tudo isto devido  
 A, sendo o enjo hediondo,  
 Considerar-se um Cupido.

Porém eu penso melhor  
 Do que estes amigos meus :  
 — Os frades não querem ter  
 O demo em casa de Deus. —

X. P. T. O.

## CHARADAS.

Publicamos tambem hoje uma *charadinha sublime*, com licença do *polido*, e mui *desfructavel Marmota*; mas daremos a decifração d'ella, porque não costumamos a enganar ao público.

Bem que me occulte,  
Sempre appareço;  
Nem o estoico  
Me nega apreço.

Fogem de mim,  
Tambem me chamam:  
Como sou util  
Todos me amam.— 1

Um Nume antigo  
Me transmudou,  
Porque outro Nume  
O avassallou.

Fiquei tal cousa,  
Que enfurecida,  
D'ella se afasta  
Quem préza a vida.— 2

Vês no meu todo  
Um elemento,  
Que a qualquer parte  
Dá incremento.

Outr'ora o Grego  
Me abandonou,  
Porque na honra  
Quebra encontrou.

Os vates dizem  
Que me hão de achar  
No céu, no inferno,  
Na terra e mar,

Ah! quantas vezes  
Dou fama aos reis,  
Prostro os tyrannos,  
Desprezo as leis!

Qualquer pessoa  
Por mim almeja:  
Buscai-me dentro  
Da Santa Igreja.

A. A.

A' ILLM.<sup>a</sup> SRA.

D. A. T. D. A. B.

Eterno amor se concebe  
Quando é tal um coração;— 2  
Um — i — antepondo, sou  
Vida, tempo, ou duração.— 2

Formosa Analia,  
A natureza  
Dotou meu peito  
Com tal firmeza.

E a ti consagrando, oh! nympha adorada,  
A prova te dou do mais puro amor;  
A elle sensivel, farás, bella Analia,  
Felices os dias de teu amador.

C. G. DE MATTOS.



Se o general assim é  
Rara vez é derrotado— 2  
Se é de ferro, ou de bronze é mui ruim,  
Se é do aureo metal é bom bocado.— 3

É bom havel-a na guerra,  
Havel-a na poesia;  
E o que em alta escalla a tem  
Possue de certo valia.



Que bello perfume eu dou — 2  
Sou vasilha mui commum — 2  
Nos lyceus, e nas scholas  
Eu atérro a mais de um.

.....  
A explicação do logogripho do  
n.º antecedente é: — **Interro-**  
**gatorio**— e a das charadas:— 1.º  
**Azafamado**.— 2.º **Relampa-**  
**go**.— 3.º **Satyro**.  
.....

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida  
rua da Valla, 141.